



ILVSTRAÇÃO PORTVGVEZA

2ª SERIE - 872 -

1922

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Director—J. J. DA SILVA GRAÇA

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA

Editor—ANTONIO MARIA LOPES

Edição semanal do jornal «O SEculo»

Redacção, administração e oficinas
RUA DO SEculo, 40—LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HES-
PANHA: Trimestre 13\$00, Semest. 26\$00,
Ano 52\$00.—COLONIAS PORTUGUESAS:
Semestre 28\$00, Ano 56\$00.—ESTRA-
N-GEIRO: Semestre 34\$00, Ano 68\$00.

A BELEZA ETERNA

para quem usa os produtos da ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA e faz as massagens ou compra os aparelhos electricos indicados. E' a unica casa em Portugal onde se fazem tratamentos serios. Todas as senhoras que se presam devem experimentar uma só massagem para confronto, e os seus productos para os fins desejados a seguir

Depilatorio electrico radical e inofensivo: o unico que tira progressivamente os pelos para sempre.—**O MELHOR DO MUNDO—Descamação artificial:** o processo mais moderno de rejuvenescimento, com a mascara de beleza; tira manchas, sardas, rugas, vermelhidão e todas as imperfeições da pele.—**Productos de lino florentino:** tiram os pontos pretos do nariz e rosto.—**Productos Etosmeny:** contra a vermelhidão do nariz e rosto; resultados seguros.—**Productos d'Acacia:** para curar a gordura e luzidio da pele, dando-lhe um aveludado incomparavel.—**Productos Civette:** fecham os poros, tornando a pele unida e fina.—**Productos Yildizienne:** para fazer crescer e alongar as pestanas e sobrancelhas, curando todas as inflamações.—**Productos Mesdjem:** para a toilette das unhas, com uma lição e para os cuidados das mãos.—**Productos Mizabilla:** para fazer desaparecer as rugas e rejuvenescer.—**Productos Staffe:** para fazer emagrecer o rosto ou o corpo.—**Productos Orion:** para engordar o rosto ou o corpo.—**Productos electricos:** para diminuir ou desenvolver e enrijecer os seios, resultados em 3 tratamentos.—**Productos Yildizienne:** para a beleza e com evicção dos dentes e contra os dentes descarnados.—**Productos da Rainha da Hungria:** fazem a beleza e hygiene da cutis, evitam rugas e todas as doenças de pele.—**Productos contra acnes:** ainda que as mais antigas.—**Productos sudorificos:** contra a transpiração do rosto, corpo e pes.—**Productos Massage:** contra os joanetes, olho de perdiz e callos.—**Productos Imperatrix:** branqueia a pele naturalmente, ainda que muito morena.—**Productos esmalte:** branqueia a pele artificialmente sem se conhecer.—**Cremes de massagem medica e estetica:** para emagrecer ou para engordar o corpo ou rosto.—**Productos de grande beleza:** para as faces, labios, olhos, boca e cabelos, mãos, unhas, seios, toilette íntima e grande toilette, etc., etc.—**Saes para banho e sabonetes,** pós de talco, vinagres de toilette, etc., etc.—**Productos Koskarina:**

para tirar verrugas.—**Balsamo Yildizienne:** para tirar os sinais das heixigas e todas as cicatrizes adherentes ou coloridas.—**Champoo para lavar a cabeça:** especiaes para as diferentes cores do cabelo, evitando e tirando a caspa, fazendo-os crescer.—**Productos Yildizienne:** para plantar os cabelos em todas as cores e recolora-los naturalmente sem plantar, curando a calvice, calvice e todas as doenças do couro cabeludo em todas as edades e em todos os casos.—**Erlhaninas especiaes para usar com estes productos:** para fazer e favorecer a ondulação Marcelle, para desfrisar os que são excessivamente naturalmente frisados.—**Regenerador Mesdjem:** para corar os brancos em 8 dias.—**Pós de arroz scientificamente preparados para cada natureza de pele:** cooperica, fiavelada, seca, gorda, vermelha, rugosa, eczematosa, com sardas, pontos negros, herpética, com verrugas, com manchas, etc., etc.—**Alcoolatos:** para queimar, perfumando e desinfectando os aposentos.—**Aparelhos electricos, vibratorios e de alta frequencia:** fabricados especialmente para o metodo de massagem estetica e medica empregado por Madame Lampos, com catálogos illustrados encaminhando todos os tratamentos.—**Aparelhos especiaes:** para corrigir os defectos esteticos do nariz, das faces, da segunda barba, etc., etc.—**Aparelhos:** para alisar os dedos e tirar os joanetes.—**Aparelhos:** para o desenvolvimento e enrijecimento dos seios.—**Aparelhos:** para os douches dos olhos contra as ruas, traqueza da vista, olheiras, papos nas palpebras e para dar brilho os olhos.—**Fentes e escovas electricas:** para curar a calvice e fazer crescer o cabelo.—**Esponjas electricas:** para massagens.—**Estojos:** para unhas e todos os utensilios para manicure.—**Pulverisadores a vapor:** contra as rugas, para fechar os poros e contra doenças de pele. Lampadas de luz para o tratamento da pele.—**Aparelhos Orion:** para a massagem manual. Escovas para a massagem pessoal do corpo, com electricidade e sem electricidade

Academia Scientifica de Beleza

Avenida da Liberdade, 23 — LISBOA

DESCONTOS AOS REVENDEDORES. Vendas por grosso e a retalho. — Telefone 3.641 N. — Teleg. Eelozok. — Resposta mediante estampilha. — Catalogos illustrados com todos os tratamentos e productos a 1\$100.



Depositarics:

Mantua, Limitada. — Calçada de S.

Francisco, 87, 1.º — LISBOA.

Estelho de Sousa & C.ª — Rua Pas

Sãs. Manuel, 58, 1.º — PORTO.



Venda em todas as Pharmacias

DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dor corôas d'ouro, dentes sem placa.

P. EUGENIO DOS SANTOS, 35, 1.º

A'S MÃES

QUE CUIDAM da saúde dos seus filios aconselhamos a **Farinha Lactea Cister**, unico alimento completo e que, pe o seu esmero fabrico, aliado a o dedicação do seu preço, rivalisa com as estrangeiras. A' venda em todas as mercearias, farmacias e drogarias.

Pedir amostras aos depositarios:

BORGES, MARQUES & C. L.ª

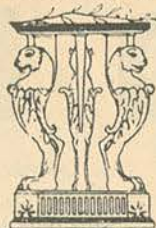
Rua Arco Bandeira, 159



Corôas

Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, é na

Camelia Branca
L.ª D'ABEGOARIA, 50
(no lado) Tel. 3270



TODOS OS "SPORTS"

O «foot-ball» é o jogo que hoje mais podemos considerar como um «sport» nacional, apesar de nem sequer a palavra que o designa ser portuguesa.

A época oficial marcada para a sua pratica, pela Associação de Foot-ball de Lisboa, foi ha dias inaugurada. Foi o Campeonato de Lisboa, que este ano abriu a temporada. A Taça Associação, que nos outros anos costuma abrir a época, não se disputou desta vez.

Na longa serie de desafios que constituem a primeira volta do campeonato destacam-se alguns verdadeiramente sensacionais.

Com effeito logo no primeiro que se effectuou, defrontaram-se dois dos mais fortes grupos da capital: o Sport Lisboa e Benfica e o Sporting Club de Portugal. O «match» effectuou-se com um tempo pessimo e com o campo completamente encharcado.

Apesar d'isso o desafio decorreu com uma regularidade pouco vulgar, agradando-nos sobremaneira Silvestre Rosm'ninho, que arbitrou com imparcialidade e correção.

Durante o desafio o Sporting dominou sensivelmente, conseguindo ao fim dos 90 minutos do jogo, uma brilhante victoria por 4 «goals» a 2.

Francisco Stromp foi o primeiro a furar as redes dos vermelhos.

O 2.º «goal» contra o Benfica foi marcado por um dos seus proprios jogadores. Com effeito Fausto Peres, que jogava a «back», não podendo despachar, passou a bola ao seu guarda-réde, que era Francisco Vieira, mas com tanta infelicidade o fez, que a bola resvalando das mãos do «keeper», entrou no «goal».

O terceiro ponto foi marcado por Torres Pereira e o 4.º por João Francisco.

Do Benfica Alberto Augusto foi o primeiro a furar as rédes adversarias, o que conseguiu n'uma descida magistral em que passou todos os seus antagonistas.

Foi o melhor «goal» da «arde».

O outro «goal» foi metido por Simões, quasi no fim do primeiro tempo.

Na assistencia sobressaia a «claque» do Benfica, ruidosa e um pouco surpreendida com a derrota do seu grupo.

No fim esboçaram-se alguns conflitos, felizmente sem consequencias de maior.

Foi este, pois, o desafio inaugural do Campeonato de Lisboa de primeiras categorias.

Um belo «match», a que nem o lodaçal do campo conseguiu tirar o brilhantismo.

—Na pista do Coliseu dos Recreios esteve ha dias armado um «ring», onde se effectuaram varios combates de «box».

Entre eles destacava-se aquelle em que disputava o titulo de campeão de Portugal dos meios-médios e que punha em luta os «boxeurs» Tavares Crespo e Faustino Pereira.

Durante o primeiro assalto, os dois pugilistas não mais fizeram do que estudar-se reciprocamente.

Crespo esboça alguns ataques que Faustino sustem sem dispêndio de energia.

No segundo «round», Crespo desenvolve um jogo rapido atacando constantemente.

Faustino encaixa com dificuldade e procura replicar mas os seus ataques falham.

No 3.º «round», Faustino entra impetuosamente e toca o adversario com alguns directos.

O publico ovaciona já dellantemente o pugilista lisboeta, o que lhe dá uma certa vantagem. Crespo sente-se influenciado pela «claque» do seu adversario.

O «round» termina com ligeira vantagem de pontos para Faustino.

O «gong» toca para começar o 4.º assalto, os dois combatentes lançam-se no corpo a corpo e aí permanecem sem bater, até que o arbitro os vá separar.

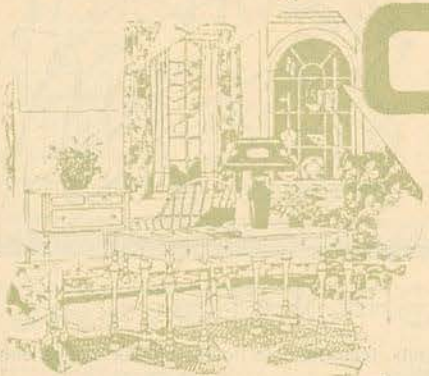
A certa altura, á saída d'um corpo a corpo, Faustino pede a intervenção do arbitro e mostra-lhe um ferimento que tinha na cabeça, queixando-se que o seu adversario lh'o havia produzido illicitamente.

Faustino recusa-se continuar a combater e o arbitro desclassifica Tavares Crespo.

INJUSTIÇAS HUMANAS



Ninguém viu como a falta foi cometida. Por conseguinte, segundo as leis do «box», o arbitro só pára o combate e desclassifica o que a cometeu, quando o magoado declarar estar impossibilitado de combater. Ora Faustino não ficou impossibilitado de continuar a combater, pelo que classificamos o seu gesto de anti-«sportivo». Em todo o caso ficou sendo o campeão de Portugal dos meios-médios. Nos outros combates, Silva Ruivo e Costa Mendes fizeram «match» nulo, José Araujo e Francisco Brito idem e Gilberto Fernandes venceu Paulo de Moraes: os pontos. A. A. A.



COLAR

LIMPEZA DAS VIDRAÇAS

Basta esfregar as vidraças com agua tinta de cré, que se dissolve nela e que se estende por cima, ligeiramente, com uma boneca de pano fino. Limpa-se logo em seguida com um outro pano, para tirar a parte mais grossa, e enxuga-se muito bem com um terceiro pano, muito seco, que não deve deixar cotão sobre o vidro.

CONSERVAÇÃO DOS OVOS

O meio mais simples, mais rapido e, por conseguinte, o mais economico é o seguinte:

Desfaz-se cal viva em agua, decanta-se o liquido limpido, que se deitará na vasilha onde estiverem os ovos, colocados sobre um bocado de madeira cheio de buracos. Por baixo da taboa coloca-se cal em pedra, destinada a revivificar a agua de cal. A vasilha deve ficar bem coberta, tendo 4 a 5 centímetros de agua de cal acima dos ovos.

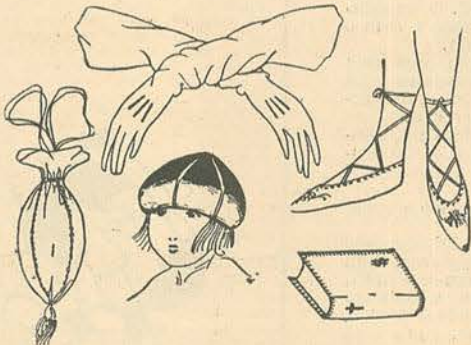
Os ovos tirar-se-hão á medida que forem precisos, com utensilios muito limpos, sem tornar a guardar aqueles em que se tiver tocado.

O QUE SE PODE FAZER COM AS LUVAS VELHAS

Com as luvas velhas, que pomos de parte como coisa inutil, podemos fazer uma linda *parure* de primeira communhão, em pelica branca, bordada a fio de prata; um engraçado boné, aproveitando pele branca e preta, proprio para menino de dois a quatro anos; uns en antadores sapatinhos e tantas outras coisas que o nosso bom gosto nos surgerir.

MODO DE CONSERVAR FRESCOS OS QUEIJOS, CURTIDOS

Quando os queijos estão meio curtidos, juntam-se com leite bom, polvilham-se com serradura ou cinza de madeira, e guardam-se em lugar fresco, tendo o cuidado de os virar e polvilhar, de tempos a tempos. Assim não só se evita que endureçam, mas até que sejam atacados pelo bicho. Quando se quiserem comer, raspa-se com uma faca a cinza e fica o queijo com uma bonita apparencia.



MODO DE TIRAR O GOSTO DO RANÇO Á BANHA

Se a banha começar a ter mau gosto, podem empregar-se os seguintes meios:
1.º — Derrete-se a banha, até que deixe de chiar, deita-se-lhe então uma fatia de miolo de pão, que se deixará fritar. Tira-se a vasilha do lume, deixa-se assentar por algum tempo a banha derretida e prepara-se como a banha sem sal. A fatia de pão e o deposito que ficar no fundo da vasilha deitam-se fóra, porque neles fica todo o mau gosto.

2.º — Quando o ranço está muito adiantado, derrete-se a banha em fogo lento e, quando estiver limpa, muda-se para uma outra vasilha cheia de agua fresca, para melhor a purificar. Amassa-se em seguida com as mãos, renovando a agua até que fique limpa. Então põe-se de novo a banha ao lume e, quando estiver derretida, deita-se-lhe carvão animal grosseiramente pisado, ferve-se tudo junto e passa-se por uma peneira de malhas largas, que receberá o carvão e deixará correr a banha, cujo mau gosto terá desaparecido.

CALENDARIO DA SEMANA

Novembro — 30 dias

- 5 — Domingo — Santa Izabel,
- 6 — Segunda feira — S. Severino.
- 7 — Terça feira — S. Florencio.
- 8 — Quarta feira — S. Deodato.
- 9 — Quinta feira — S. Maturino.
- 10 — Sexta feira — S. André Avelino.
- 11 — Sabado — S. Martinho.

Vêr a correspondencia, relativa a esta secção, na columna respectiva.

Menus da semana

Domingo

Almoço

*Dobrada grelhada
Costeletas panadas
Chá ou café*

Jantar

*Sopa de cabeça de vitela
Peixe ao gratin
Carne assada, com batatas fritas
Bolo economico*

Segunda feira

Almoço

*Atum, com batatas cozidas
Omolete de marisco
Chá ou café*

Jantar

*Sopa de peixe
Empadas de peixe
Pato, com arroz tostado no forno
Arroz doce*

Terça feira

Almoço

*Rim de fricassé
Arroz no forno
Chá ou café*

Jantar

*Sopa Juliana
Ameijoas á portugueza
Rostife, com salada de alface
Marmelo em calda*

Quarta feira

Almoço

*Croquetes de coelho
Arroz de caril
Chá ou café*

Jantar

*Puré de ervilhas
Ostras recheadas
Peito de vitela de fricassé
Creme de leite*

Quinta feira

Almoço

*Ostras ao natural
Lombo no espeto, com salada de batatas
Chá ou café*

Jantar

*Sopa de rabo de boi
Rabo de boi em hochepot
Pescadinhas fritas,
com salada de chicória
Creme queimado*

Sexta feira

Almoço

*Ovos á bachelmel
Bacalhau, com molho de alcaparras
Chá ou café*

Jantar

*Caldo verde
Croquetes de bacalhau
Linguado, com molho branco
Doce de ginja*

Sabado

Almoço

*Presunto na frigideira
Enguias á tartara
Chá ou café*

Jantar

*Sopa de couves
Peito de carneiro,
com pontas de espargos
Frango á capadora,
com rabanetes
Nata de amendoas*

PAGINA

MUSICAL

AVÉ MARIA

Luis Santos

A meu pai

Andante

Canto

Piano

p

p

A - vé Ma - ri - a

a Ma - ri - a che - a sois de

gra - ca che - a sois de gra -

ca O Se - nhor é con - co ben - di - ta

sois en - tre as mu - he - ras Ben -

di - to é o fru - cto do vos - so ven - tre, do vosso ventre Jesus

Sam - - - - - ta Ma - - - - - nu - - - - - a
 Santa mãe de De - - - - - us ro - - - - - gaie por
 nós ro - gaie por nós por nós pe - ca - do - - - - - res ro
 ga - - - - - e ro - ga - - - - - e ro - gaie por
 nós pe - ca - do - - - - - res ro - ga - - - - - ra e ra
 ho - - - - - ra da nos - sa mor - te a men Je - - - - - sus
 accel ff pp rit - to - - - - - do



Silva Poética



AO ENTARDECER

Levava o cavaleiro, uma tristeza
Que, nos seus olhos fundos, se entrevia;
Abatido o corcel da travessia
Por caminhos de rustica aspereza.

Ancias de perfeição e de beleza
Já mortas, no seu peito recolhia;
Fizera-se aos travos d'ironia
Da duvida, do sonho, da incerteza . . .

Entre as sombras da tarde esmorecida
Alguem tomou-lhe a mão desalentada
E disse-lhe, baixinho: "— Alma incontida.

Sou aquela visão inesperada
E mandou-me, o Destino, n esta vida,
Que eu te conduza ao termo da jornada!"

AURELIO DOMINGUES.

PRÓDIGA

O que te peço é tão pouco
Que bem m'ó podias dar!
Dei-te tudo—e peço em troco
Unicamente um olhar.

E não de amor; isso não,
Que eu podia endoidecer...
Um olhar de compaixão,
Um olhar de comprazer. . .

Um olhar benevolente,
Como o que alguém lançaria
Sobre um mísero doente
Que estivesse na agoñia...

Esse olhar era bastante
Para me gular na vida
Como guia ao navegante
Uma luzinha perdida.

Dá-m'o; não quero outro encanto;
Satisfaz o pobre louco.
—Aos outros, filha, dás tanto
E o que e. . . te peço é tão pouco!

MARIO A. COSTA.

CORREIO AEREO

Desfiando saudades, lá na aldeia,
Onde a beleza primitiva estua,
Ela ao serão, á luz de uma candeia,
Fia e reza esta prece: «—Amor, sou tua!»

Fóra do mundo, vae tecendo a tela
De um sonho que ha seis anos continúa...
Por ele espera e só por ele aneia,
Mostrando a Deus a alminha branca e nua!

Se lhe chega uma carta, o seu pezar
E' não a saber lèr, emfim, rezar
Aquela folha—ao menos soletral-a.

Pondo-a no selo, vae ao mestre-escola
Suplicar: «—Meu senhor, faça-me a es-
mola...»
Não diz mais nada, Treme e perde a fala...

AIRES DOS REIS.

S. Paulo (Brazil).

Vêr a correspondencia
relativa a esta secção
na respectiva columna.

SEARA ALHEIA



Em casa do dentista:

—Dois francos a extracção com dôr e tres sem dôr.

—Então, tome lá dois francos e meio e tire-me o dente sem me fazer doer muito...

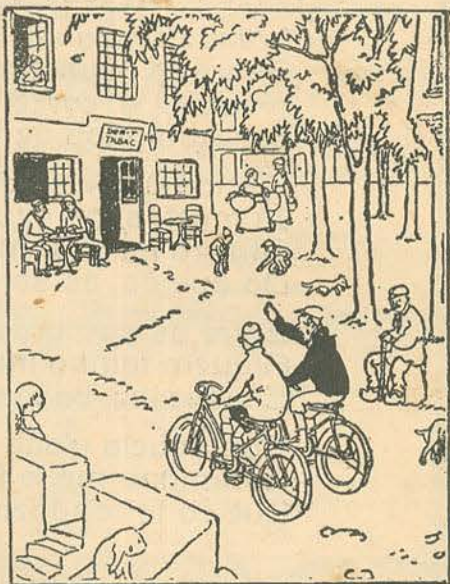
(Le Rire—Paris)



—Se o senhor soubesse o que me sucedeu, um dia, em Pompelal...

—Calculo. Confundiram-a com algum objecto das excavações...

(Numero—Turim)



—Quando gosto da bicicleta é quando faz muito calor.

—Porquê?

—Porque, como não gosto nunca, deixo a ficar, toda a tarde, á porta do café...

(Lectures pour Tous—Paris)



No teatro:

Ele—Se fizesse a fineza de tirar o seu chapéu...

Ela—Ora essa!... Com todo o gosto.

(London-Mail—Londres)



—Meu Deus, que desgosto! Cada vez que me lembro de que me vou aproximando dos trinta!

—Tem paciência! Em compensação, depois, cada vez te afastarás mais deles... (Le Rire—Paris)

ENTRECHO DE UM DRAMA

CAVAQUEAVAM, homens com homens, na sala de fumo, depois de jantar. O judeu Pereira, o director de teatro tão conhecido pelos seus colarinhos marmoreos e as suas gravatas triunfantes, perorava, em frente do fogaço, tendo na mão um calice de curaço.

— A anedota, repetia elle, a anedota! — e eis tudo!.. A primeira condição, para uma peça ser boa, é poder-se-lhe contar o enredo em cinco minutos... Quando, á hora do almoço, me apparece algum autor a falar-me na comedia que acabou de escrever, eu interrompo-o logo: «É capaz de me dizer do que se trata, enquanto eu como este ovo quente?» Se não é capaz, é porque a peça não presta!

E Pereira emborcou o conteúdo do calice.

— Quanto a mim, eu não sou autor dramático, observou o famoso Mauricio, addido de embaixada, do fundo da ampla poltrona onde se refastelava; não obstante, se você está disposto a ouvir-me, Pereira, sou capaz de lhe contar uma anedota da qual, quer-me parecer, um profissional do teatro poderia tirar partido... O que não significa que o tempo de ingerir um ovo, não seja curto de mais!...

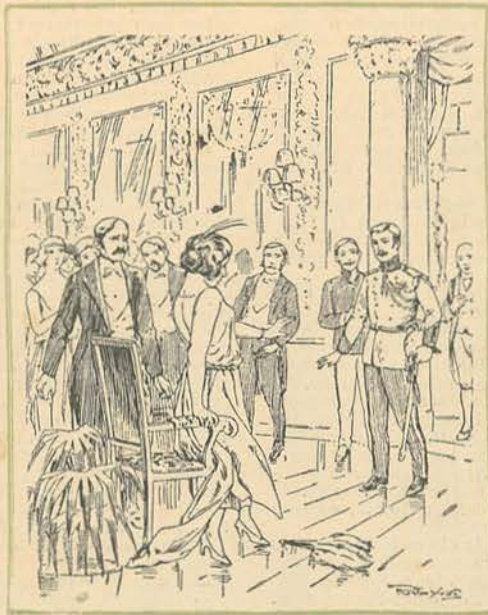
— Pois concedo-lhe uma *omelette*, respondeu o judeu, com uma gargalhada. Mas, idéas para peças, fornecidas por pessoas de sociedade, uhu!... desconfio muito delas, como diz o *guilhotinado por persuasão*... Em todo o caso, conte sempre...

— Ora lá vai! É de notar que, esta historia, correu os salões vieneses, no tempo em que eu andava por lá. Havia, então, em Viena um medico muito famoso como especialista de doenças do coração. Chamava-se — mudo os nomes, naturalmente, porque o caso é tragico — chamava-se o dr. Arnold. Apesar de contar apenas 40 anos, tinha uma magnifica clientela. Era um belo homem, bastante elegante, regularmente simpatico, de grandes suissas loiras, o tipo austriaco, emfim... mas com um par de olhos á americana, azues e finos como aço, que davam que pensar. Certa familia russa, residente em Viena — chamemos-lhes, por exemplo, os Skebeloff — apellou para os seus serviços em relação a uma filha da casa em que o especialista reconheceu, logo ao primeiro exame, a existencia de um principio de aneurisma. Estão vendo o embaraço do medico quanto a auscultar e percutar a joven Macha!... Aplicar o ouvido ao peito de uma bela rapariga de 19 anos, bater-lhe sobre o coração, como que a perguntar-lhe: «Pode-se entrar?...»

— Nada de piadas de comedia, Mauricio! Interrompeu o dono da casa. O que você nos prometeu foi um drama...

— Descansem, que o terão... Embora recebidos pela melhor sociedade, os Skebeloff eram um tudo nada suspetos. Viviam num hotel. O Skebeloff, pae, ostentava uma infinidade de cordões e alamares nas suas pelicas acolhoadas. Levavam vida lauta e os brilhantes da mamã passavam por ser falsos... Sobre tudo isto, duas filhas a colocar, bonitas de mais para poder sair dali alguma coisa boa... Em resumo, gente equívoca.

O medico deixara-se, porém, apaixonar; pediu a mão de Macha, foi-lhe permitido fazer-lhe a corte e casou, ao cabo de tres meses. E a familia Skebeloff, repentinamente desgostada de Viena, bateu azas para outras mezas redondas. A mulher do medico, *fruu doctorin*, como lá dizem, foi muito bem recebida pela alta roda vienesa. Os noivos eram inteiramente simpaticos: o doutor amava Macha, ao mesmo tempo como sua mulher e como sua doente. Ora, este romancesinho, encantava as alemãs sentimentaes. E Mme. Arnold, cuja saude se ia restabelecendo a olhos vistos, já apparecia na sociedade e valsava, mesmo, por vezes.



— Apesar de sofrer do coração?

— Sim. Tão bem curada parecia, que o marido permitia-lhe alguns passos de valsa, como medico; embora eu esteja crente de que lhos proibiria, de bom grado, como ciumento. E isto porque o belo capitão de Blazewitz — um Apolo, de uniforme branco — era sempre o primeiro inscrito no *carnet* de baile de Mme. Arnold e a apertava, com extrema ternura, ás agulhetas, enquanto danavam. Uma vez, ainda, o velho mito de Marte e Venus...

— Muito bem, interrompeu o Pereira. Temos feita a exposição, os personagens apresentados... *Liquemos*, agora, como se diz em lingua-gem teatral!

— Seja! Até que um dia o medico descobriu um pacote de cartas...

— Isso de pacote de cartas, já não dá nada!...

— Você, Pereira, é insupportavel! Pois meta-lhe a *ficelle* que lhe aprouver. Na minha anedota, foram cartas...

— Que deram, ao marido, a certeza da sua deshonra, não é verdade?...

— Evidentemente.

— E que o levaram a conceber um projecto de vingança?...

— Já vejo que você sabe a historia. Conte-a, conte-a, então, Pereira!

— Não sei, não, mas *destruco* — para continuar a servir-me da gíria teatral — *destruco*, é o que é! Vae de aí o marido vir a-se...

— Medeante um desses crimes que ficam para sempre ignorados...

— Então, como se soube?

— Porque o proprio medico falou... Sim, ele mesmo, o criminoso, mais tarde, cedendo a esse irresistivel, a esse fatal pendor para as confidencias, que existe em todos os homens e faz, da confissão dos catholicos, uma das instituições mais...

— O drama, Mauricio, o drama!

— Não digo nem mais uma palavra, resmoneou o moço diplomata, vexado.

— Não se zangue, voltou o Insupportavel Pereira; evitamos-lhe o trabalho de completar as frases, e eis tudo!... O que é afinal cultivar o verdadeiro estilo de teatro. Senão, veja Scribe, Sardou. Tudo dialogo em reficencias... Estou farto de repetir aos autores novos: «Sobretudo, nada de estilo! Nada de literatura!...» Ha peças que um adjectivo tem enfiado pelo buraco do ponto... Não se imagina que mal pode advir duma metáfora... Assim, os romanticos...

— Bom! agora é você, Pereira! objectou o dono da casa, fustigando o judeu com ar falgaço, atravez do monoculo. Quando acabar, diga...

— Dou a mão á palmaria... Ia dizendo, Mauricio, que o marido...

... Planeou uma vingança terrivel, embora só permitida a um homem da sua profissão. Macha não estava curada por completo — demais o sabia ele, como especialista — da doença de coração de que o marido a tratara durante dois anos, com tanto zelo, quanto amor. Pois resolveu desfazer o que fizera. Contendo a colera que lhe ia na alma, limitou-se a manter, junto da esposa, a attitude de um marido inquieto e desconfiado, despartando, desta maneira, o receio e a angustia no espirito da adúltera. Estava ao facto, pelas cartas que interceptara, da insensata paixão em que ardião os dois amantes; tinha a certeza que dilijenciariam constantemente vêr-se, ainda atravez dos maiores perigos. O maquiavel domestico aproveitou-se desta situação. De então por diante um poder misterioso entrou de colocar toda a especie de pequenidos obstaculos entre Macha e

de Blazewitz, sem, contudo, os separar por completo: fazendo-lhes falhar as entrevistas, interrompendo-lhes e envenenando-lhes os amores; e, em semelhante vida, prebende de comições vivas e dolorosas a saúde de Mme. Arnold tornou a alterar-se profundamente. O medico matava a mulher, com a mesma certeza e precisão com que, antes, a curara. Aos momentos do terror panico que imprime á circulação uma actividade morbida fazia o homem de sciencia, que succedem interminos dias de tristeza que congestionam o coração e nele reteem o sangue. Depois, a subitas, fingia não mais pensar em ciúmes, mostrava-se comovido, até ás lagrimas pelos sofrimentos da esposa: «— Mas que tens tu, querida Macha? dizia-lhe. Falha-me por completo o diagnostico. Dir-se-ia que um forte desgosto te atormenta. Não és feliz, comigo? E, observando sempre, com diabolica volúpia, os progressos do mal, crucificava a vítima nos seus hipocritos desesperos.

«Ao cabo de seis mezes, eram frequentes as síncopeas, as palpitações cada vez mais aceleradas; haviam reaparecido os mais alarmantes sintomas do aneurisma...» Ah! ah! Pereira, já não me interrompe, agora, não é verdade?!

— Está bem!... Segundo acto. O desenvolvimento da peça. Mas o desfecho... o desfecho?...

— Cá está o desfecho! bradou Mauricio, no tom de creado de restaurante que traz o prato pedido, eil-o!... Uma noite, o medico irrompe pelos aposentos da esposa, como um furacão: «— Sei tudo, minha senhora. De Blazewitz é seu amante! A pobre Macha faz-se branca como uma toalha e as nodosas violáceas da morte tingem-lhe os lábios. «— Mate-me!» diz-lhe. Era o que elle queria ouvir. «— Não sou homem para tocar com um dedo numa mulher! volvou-lhe Arnold. O seu cumprimento pagou por ambos. Acabo de me bater com o sr. de Blazewitz... Matei-o!» E Macha caiu, redonda, sobre a alcáfta.

«O medico, porém, mentia; jámais elle se teria atrevido a tocar sequer no ligode do garboso capitão, que passava por ser o primeiro afrador de Viena. Joelhou junto da mulher, estendida por terra, e pegou-lhe na mão. Ainda tinha pulso; vivia, portanto. Então, o algoz, trahou dela, reanimou-a. «— Vá vestir uma das suas toilettes de baile, pôr os seus diamantes, ordenou-lhe, e acompanhar-me-ha ao baile da embaixada de França, para onde temos convites. «— Nunca!... ser-me-hia impossível... Nunca!» «— Vista-se, que a fico esperando. Aleguei como pretexto para o meu duelo com o sr. de Blazewitz, uma questão ao jogo. Mas nem por isso deixa de haver suspeitas a seu respeito. É indispensavel que a vejamos, esta noite, pelo meu braço, na sociedade. Aliás, convencer-se-hão de que me batti por sua causa e será, para mim, a deshonra. Vista-se, sou eu quem lh'o or-

dena!» Que remedio teve, a desgraçada, senão obedecer? Como resistir ao homem que tão cruelmente ultrajara? Fez, pois, a toilette, com que sacrificio! e o marido lá a arrastou ao baile da embaixada. Uma vez all, sem forças, deixou-se cair sobre uma cadeira, na primeira sala onde o criado, a cada momento, annunciava os rocenchegados. O medico de casaca, soberbo, com todas as condecorações, erguia-se, de pé, por traz da cadeira de Macha. De repente, em seguida a um relancear de olhos pela antecâmara, curvou-se ao ouvido da mulher, como para lhe dirigir um galanteio: «— Com que então, o desgosto não te matou, miseravel?!» «— Infelizmente ainda não...» murmurou a supplicada. «— Pois, então, olha, acrescentou elle, indicando-lhe a porta, e morre de felicidade!» Naquelle momento, o criado annunciava em voz sonora: «— O capitão barão de Blazewitz!»

«O garboso official entrou, de sorriso nos lábios, e desde logo, como fazia sempre, procurou com os olhos a amante. Mal a reconheceu. Acabava ella de se erguer da cadeira, hirta, como se uma mola a acionara, livida nas suas galas, pavorosa! Lançou-lhe um olhar desvalorado, levou a mão á gorja e caiu, pesadamente, no chão, morta, bem morta, desta vez!... Foi uma verdadeira revolução. O medico lançou-se sobre o corpo da mulher, soltando gritos, e o desespero do sr. de Blazewitz teria feito escandalo, se um amigo não o arrastasse de all! Os convidados fugiram todos; os criados comeram a cela; e a embaixatriz ficou contrariadissima porque tinha encomendado, de proposito, para o *cotillon*, umas cabeças grotescas que contava produzirem um verdadeiro successo.

Mauricio calou-se; houve um momento de silencio. Todos estavam comovidos e o proprio Pereira teve o bom senso de não largar uma das suas.

Mas, nesta altura, a dona da casa, levantando o repositero da sala de fumo dizia:

— Então, meus senhores, já acabaram os seus charutos? As senhoras reclamam-os!

Passando á sala de baile, Pereira agarrou Mauricio pelo braço:

— E que foi feito do medico?

— Como lhe disse, quasi que se gabou, num dia de imprudencia, do crime que perpetrara e que, allás, o Código não prevê. Mas a permanencia, em Viena, tornou-se-lhe difficil. Vive agora em Varsovia, onde tambem tem muita clientela e continua a recomendar aos doentes da sua especialidade: «— Nada de comições! Sobretudo, nada de comições!» Mas o que lhe parece o meu entredo de drama?

— Inaproveitavel, meu caro. Todos os criticos diriam que é uma imitação da *Julia*, de Octavio Feuillet.

(De François Coppée.)

Casa Adão

Chás, cafés, licores champagnes,
vinhos do Porto
e da Madeira da antiga casa

Ferreirinha da Regoa
e F. F. Ferraz & C.^a L.^{da}

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Loja e armazem

76, Rua dos Retrozeiros, 78 e 75-2.º

Escritorio

Rua Augusta, 70-3.º

TELEFONE 1566-C

Barreto & Gonçalves

JOALHEIROS

17, R. (UGENIO DOS SANTOS, 17

Queiram V. Ex.^{as} vir admirar o esplendor do sortimento em joias, pedras preciosas e pratas artisticas.

Compram pelo melhor preço, ouro, prata, platina, pedras e joias antigas

Viana, Coelho, Almeida & C.^{ta}

27 — PRAÇA LUIZ DE CAMÕES — 29

RUA DO LORETO — 1 a 9

Especialidades em artigos de mercearia, chá, café e artigos de confeitaria

Ilustração Portuguesa

2.^a SÉRIE

4 — NOVEMBRO — 1922

N.º 872



GAGO COUTINHO E SACADURA CABRAL, VISITANDO AS INSTALAÇÕES DE *O SEculo*, FORAM RECEBIDOS PELO DIRECTOR DESTE JORNAL, SR. CUNHA LEAL

O FECHO DA EPOPEIA

TEM, a «Ilustração Portuguesa», celebrado incessantemente, nas suas paginas, o alto feito aeronautico que conferiu a Portugal a premisa da travessia aerea do Atlantico sul, irmanando os que a levaram a cabo em condições tão gloriosas—até no que tiveram, por vezes, de tragicas!—a ess'outros heroes que, outr'ora, tanto honraram e ilustraram o nome portuguez. A historia d'essa travessia está, pois, feita nas columnas d'este semanario, sob o



ponto de vista da função que lhe compete, ou seja da documentação grafica do mais alto acontecimento nacional hodierno.

Agora que os heroicos aviadores acabam de regressar, ampliando essa documentação com a reportagem fotografica da sua chegada a Lisboa, a «Ilustração Portuguesa» mais uma vez sauda, com entusiasmo, em Gago Coutinho e Sacadura Cabral, a propria Patria, por eles engrandecida e d'eles tão justificadamente orgulhosa!

O povo aclamando os aviadores, por ocasião da sua visita aos Paços do Concelho, logo após o desembarque



Desfile do cortejo de honra, em frente do monumento dos Restauradores

(Clichés Salgado)

A Bordo do "Porto,"



"Notas"
de um
companheiro

de viagem
dos
aviadores

COMO todos os grandes homens, Gago e Sacadura são de uma afabilidade extraordinária. Convivem, a bordo, com toda a gente, mantendo, principalmente Gago Coutinho, um inalterável bom humor. Levanta-se cedo; às 6 da manhã já se encontra na ponte do comando. Depois, desce ao ginásio, a fazer gymnastica nas argolas. Ao meio dia, para não perder o costume, é infalível, outra vez na ponte, a tomar as alturas.

As noites passam-as, os dois, fazendo interessantes sortes de prestidigitação, que muito divertem os outros passageiros: Gago Coutinho, com cartas de jogar; Sacadura, com lencos e outros objectos.

A preocupação constante de Gago Coutinho é esquivar-se ás manifestações que, consta, lhes estarão preparadas em Lisboa, a ele e ao seu companheiro da travessia, comentando, ao referir-se áquelas de que, durante uns poucos de meses, foram os dois, alvo no Brazil:

— Chamam-nos heroes... Não ha duvida!... Heroes... da resistencia!

Outro comentario de Gago Coutinho, ainda sobre o mesmo assunto:

— Estou farto de *representar* o papel de heroe! Prefiro, agora, uma *rabula* de pouca importancia, na peça...

Ainda outro:

— Em chegando a Lisboa, não sei para onde ir, que me deixem descansado. O que me convinha era um hotel com muitas saídas e poucas... entradas...

Uma dama que vinha a bordo, fumando, pergunta-lhe:

— Não acha *chic*, almirante, ver uma senhora fumar?

— Eu lhe digo: se essa senhora fosse minha senhora, tenho a impressão de que dormiria com um official de artilharia...

Tratava-se de obter perdão para uns marinheiros que haviam incorrido em qualquer pequena falta disciplinar e foram pedir a Gago Coutinho para interferir, nesse sentido. Comentario do almirante:

— E aqui esta como um homem vae para o Brazil

pelo ar e volta do Brazil rastejando, a mendigar... Apesar d'isto, escusado será dizer que accedeu da melhor vontade ao que lhe pediam.

Ainda um «bom dito», mas, este, não d'ele, embora se lhe refira directa e... intimamente.

Afirma-se a bordo, de facto, que, tendo tido, Gago Coutinho, uma qualquer aventura galante, em qualquer ponto do Brazil — não terá sido só esta... — a dama distinguida pelo heroe do ar, no auge do entusiasmo pela distincção recebida, lhe repetia meiga, agradecida e orgulhosa (?):

— Que pena, não poder contar á familia!...

O *Porto*, quanto mais vinha aproximando-se da costa portugueza, mais milhas deixava. O que não quer dizer que alguma vez conseguisse deltar... muitas. Gago Coutinho, observando o *fenomeno*, comentou com discreta ironia:

— Sim senhor! O navio, de dia para dia, caminha mais e, por este andar, quando menos nos percatarmos, amanheceremos fundeados no Tejo... Ou não sentisse ele o cheiro da casa...

No Funchal, o actor Henrique Alves, que viaja comnosco, promoveu um sarau, no teatro, que teve uma enchente. Assistindo, ao espectáculo, Sacadura Cabral, aquele illustre artista saudou-o de scena, em breves mas calorosos termos, fazendo o entusiastico elogio da proesa dos aviadores.

Então, Sacadura, levantando-se, bradou, mesmo da platéa, com voz vibrante:

— O actor Henrique Alves é um Intrujão!

Movimento geral de espanto, até que, retomando o commando Sacadura, a palavra, insistiu:

— E' um Intrujão, repito e vou proval-o. Tudo quanto disse, para ai, a nosso respeito, é falso! O que nós fizemos não tem a menor importancia! Do lado de Portugal, a aspiração de muitas centenas de milhares d'almas impella-nos para a frente; do lado do Brazil, a de outras tantas, atrai-nos. Por isso fomos e voltamos, visto que nos seria difficil voltarmos, sem termos ido...



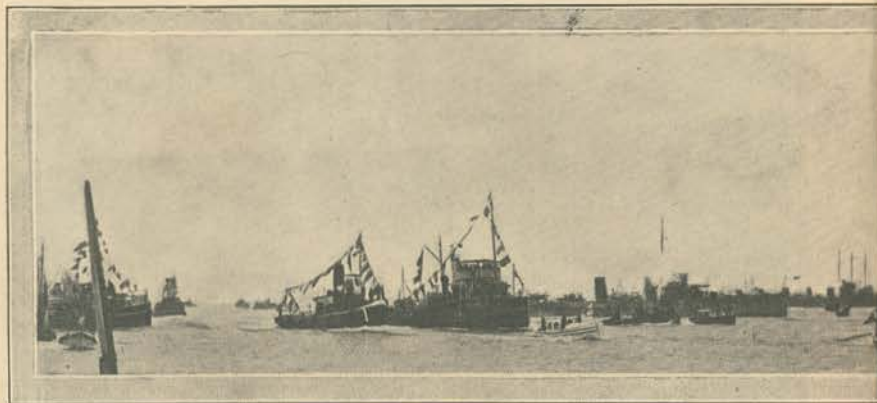
O cortejo fluvial e o desembarque



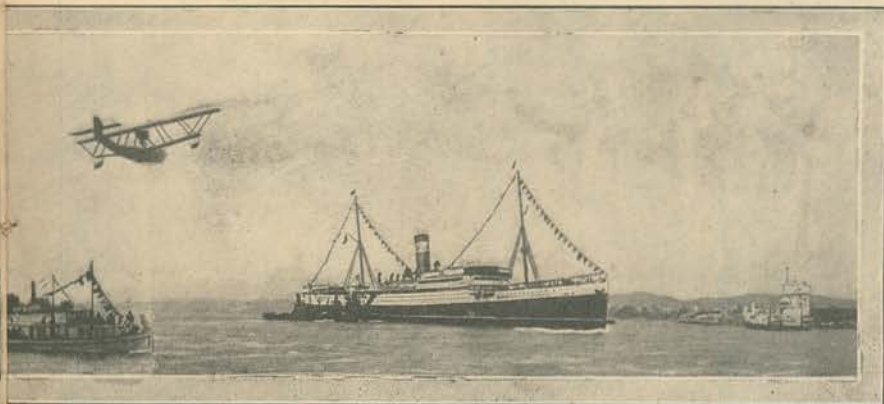
Antes do desembarque: a organização do cortejo de honra, na Praça do Comércio



No momento do desembarque: o povo aclamando os aviadores à sua entrada no pavilhão da Praça do Comércio



O Porto, Tejo acima, seguido pela



flotilha que foi ao seu encontro

A sessão solenne na Sociedade de Geografia



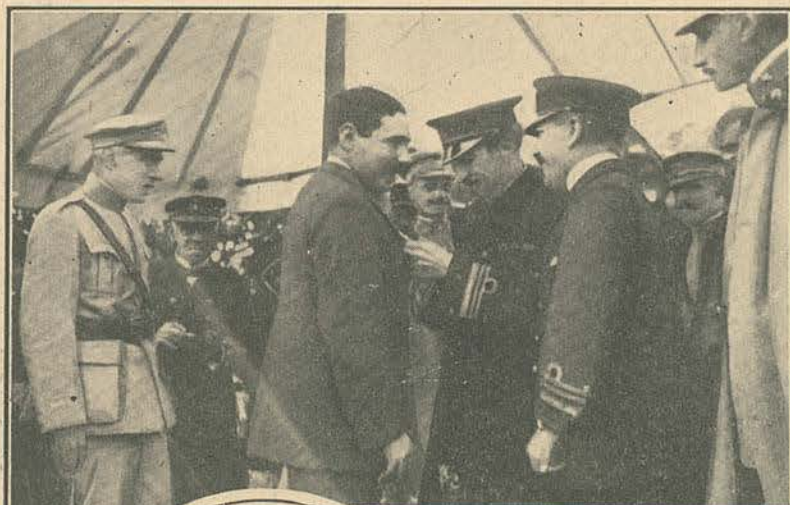
Sua Ex.^a o sr. Presidente da Republica, os aviadores, o sr. presidente do ministerio e ministros da guerra e da marinha, a direcção da Sociedade de Geografia e outros convidados

Outra sessão solenne na Camara Municipal



o sr. Carneiro de Moura lendo o seu discurso, por ocasião da sessão solenne do dia 29 do mez findo, na Camara Municipal de Lisboa
(Clichés Salgado)

Distribuição de prémios na Carreira de Tiro de Pedrouços

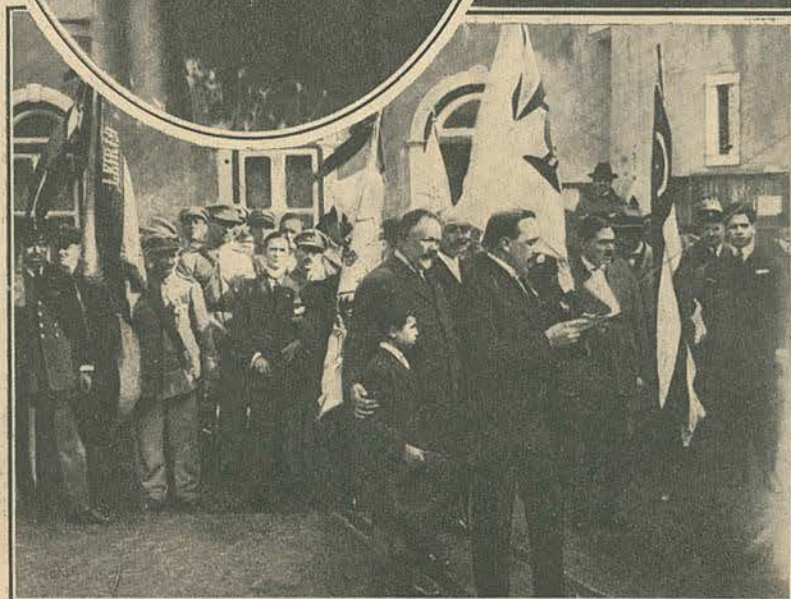


A esquerda:

O sr. ministro da marinha colocando a medalha ao peito do sr. Francisco Mendonça, campeão de Portugal, da espingarda

No medalhão:

Sacadura Cabral entregando o diploma ao tenente medico sr. dr. Antonio Martins, campeão do Exército de terra e mar e de Portugal, da pistola



A direita:

Sacadura Cabral abraçando o sargento da «equipe» de atiradores da Aviação Militar

Em baixo:

O sr. Dario Canas lendo, em nome da Sociedade de Tiro n.º 2, um discurso de saudação aos aviadores e de homenagem ao falecido director da Carreira de Tiro



Aspecto apoteótico da Praça de D. Pedro, à passagem do cortejo em honra dos aviadores, por ocasião do seu desembarque que, aliás, se realizou debaixo de chuva insistente e copiosa

(Cicché Salgado)

CASA ONDE NASCEU SACADURA CABRAL



E' interessante registar o desenrolar da paisagem perante os nossos olhos, desde Lisboa até á Beira Alta, para quem viaja de comboio.

Até ao Entroncamento, o horizonte alonga-se indefinidamente, até se esbater. A planície predomina. A' nossa direita, espalha-se, preguiçoso, o largo Tejo, cortado, de quando em quando, por leves barcos de grandes velas. A' esquerda, continua a planície. Mais além formam-se ondulações suaves que se estendem, a perder de vista, até aos primeiros pendores da cordilheira de serras que se desdobram de Cintra a Leiria, e que muitos dizem indirectamente ligada com o planalto de Castela, pelas Serras da Estrela, Lousã, Ciro e outras.

Para lá do Entroncamento as ondulações pronunciam-se. A paisagem alegra-se. A monotonia da planície desaparece. Estamos na Pampilhosa. O ronceiro correio da B. A. parte com os primeiros alvares da madrugada. Matas impermeáveis á luz, interceptamos os primeiros raios do astro rei. Estamos na Beira Alta.

O cenário mudou, como por magia. Altas serras, coroadas de penedos, vesidas de luxuriantes matas, e cavadas de profundos vales, onde serpenteiam ribeirinhos, deliciam a nossa vista.

Passamos pelo Bussaco, por essa reconfortante estância de repouso, de tão feérico aspecto. As serranias, as matas manchadas de moles graníticas, os ribeiros sucedem-se.

Atravessamos o Dão. Passam-se horas.

Saídos de Fornos, um novo espectáculo nos atrai a vista. A nossos pés, apertado em profundos vales, corre mansamente o Mondego, a principal arteria das Beiras. O quadro é empolgante. Aqui e ali, grandes represas formam enormes lagos. Junto ao açude, em terra casa de paredes nuas, o moinho gira. Creanças desgredadas banham-se nas margens do colosso, enquanto as cabrinhas pastam, tranquilas, na herva tenra.

De súbito, uma volta da linha. Surge-nos, no cimo duma ponte, um grandioso castelo medievavel, rodeado de casario. E' Celorico da Beira. O Mondego corre-lhe aos pés, como preito de vassalagem a essa terra de tão gloriosas tradições. Momentos depois apeamos-nos na estação de Celorico.

Uma arcaica diligência leva-nos, aos salavancos, até á Vila. A meio do caminho, cruzamos o Mondego. Parece que foi obrigado, por mão misteriosa, a rodear a Vila que, junto de-te, sobranceira, se levanta.

Somos enfim chegados. Alguem nos indica a casa onde nasceu o glorioso aviador Sacadura Cabral. E' um modesto predio de segundo andar. Dum dos lados da frontaria, á altura das lojas, está colocada



uma lápide *mignon*, rodeada de lâmpadas electricas com as seguintes palavras: *Ao heroico aviaor Sacadura Cabral. O Liceu de Vizeu, Junho de 1922.* Mais nada. Visitámos o quarto onde se presume que ele nasceu, e que é, hoje, um simples e humilde cartório.

Contaram-nos que Fornos tentou disputar, a Celorico, a honra de ter sido o berço do glorioso aviador. Revolveram-se arquivos eclesiásticos e civis, e a verdade ficou bem assente.

Subimos ao Castelo. Da muralha, ainda bem conservada, alcança-se um panorama soberbo. Muito ao longe, quasi contundido com o horizonte, divisa-se o castelo da Guarda.

No espaço intermedio, alonga-se uma planície, logo cortada por altos montes que se vão elevando e esbatendo até formarem a Serra da Estrela, que se mostra como uma nuvem confusa, estendendo-se na direcção sul.

E, nesta contemplação estática, nos conservamos longo tempo.

Recordamo-nos do cerco de que este castelo foi victima, em 1189, levado a efeito por um grande exercito de castelhanos e leonezes, sendo rei de Portugal D. Sancho I, e alcaide-mór D. Gonçalo Mendes. Por uma noite de lua nova, D. Gonçalo e seu irmão D. Rodrigo Mendes, alcaide-mór do visinho castelo de Linhares, ambos filhos do conde D. Mendo, atacaram de improviso o inimigo, pondo-o em debandada.

Relembramos, com orgulho, a palavra de D. Fernando Rodrigues Pacheco, que, em 1245, tendo recebido as chaves do castelo das mãos de D. Sancho II, recusou entregá-las ao conde de Bolonha e futuro D. Afonso III, que tinha deposto seu irmão e pretendia apossar-se do Castelo.

D. Afonso poz-lhe prolongado cerco, vendo-se, por fim, obrigado a levantá-lo, por supor, erradamente, que os sitiados ainda estavam bem abastecidos de víveres.

Só depois de D. Fernando verificar, por seus proprios olhos, que D. Sancho estava morto, é que entregou as chaves a D. Afonso.

Vêmos, em 1762, no reinado de D. José, a derrota que os hespanhoes sofreram durante uma curta guerra entre Portugal e Hespanha, que neste reinado se travou.

Vêmos, por último, a gloria bem merecida dum filho desta Vila privilegiada, de Sacadura Cabral, que pela maior honra da nossa Patria expôz alegre o seu maior bem: *A Vida.*

BERNARDINO SARAIVA.

(Clichés do auctor).



Dois Inéditos de Souza Pinto

Os últimos desenhos do grande mestre da pintura contemporânea

O pintor Souza Pinto, grande entre os grandes da pintura portuguesa, mestre na arte de pintar, um dos poucos portugueses que, em Paris, o Museu do Luxemburgo expõe á admiração dos fieis, honra hoje a «Ilustração Por-

banel, admitido ao «Salon» em 1883, com «La culotte déchirée», de então para cá os seus triunfos todos os sabem. E no museu de Monte Carlo, no do Luxemburgo, nos de Lisboa, de Amiens, de Nice, de Melbourne, do Rio de Janeiro a gente encontra quadros seus, obras-primas que o seu nome assina. Os seus últimos desenhos aí os tem o leitor. Como vê, são dois prodígios de naturalidade como expressão, dois prodígios de técnica.

Souza Pinto trabalha actualmente em alguns quadros, a que, como a todos os seus trabalhos, está reservado um sucesso pleno. D'elles nos promete, o artista, reprodução e d'elles os nossos leitores terão as premissas.



tuíza», concedendo-lhe a publicação dos seus últimos trabalhos, dois retratos das galantes filhinas do capitalista brasileiro sr. Estolano Ribeiro, que muito amavelmente ractificou a licença de publicação que o mestre nos tinha dado. Desvanece-nos profundamente a amabilidade do grande pintor que ha pouco completou 66 anos e que ainda tem no lapis e nos pinceis todo o frescor e toda a maestria de quando traçou o seu primeiro quadro. Discipulo de Ca-



O "CASO" DO NACIONAL



E. BRAZÃO

Sobre o «caso» do Teatro Nacional, que tanto tem dado que falar nos jornaes e tanto tem sido falado fora d'elles, abriu, a Illustração Portuguesa, um inquerito—inquerito relampago—com uma unica pergunta e res-



S. TAVARES

posta não excedendo uma frase, quanto mais curta melhor.

Ouvidas apenas, como é logico, entidades interessadas, representativas de todas as opiniões—ou em choque...—a pergunta feita foi a seguinte:



JOSE RICARDO



ILDA STICHINI

Que pensa V. Ex.^a do «caso» do Teatro Nacional?

RESPOSTAS

O artista, para o ser na verdadeira e alta significação da palavra, terá de renunciar a todos os interesses soffregos e a todas as mesquinhas ambições. O exagerado profissionalismo na arte conspurca-a, porque a transvia da origem e missão sagradas. Entre nós, no teatro principalmente, o verdadeiro artista confunde-se muitas vezes com o devoto das «grandeurs de chair» de que falava Pascal. D'aí o correntio estado da scena portugueza.

Santos Tavares

Para um barco caminhar é preciso que todos os tripulantes remem ao mesmo tempo e para o mesmo lado.

Lino Ferreira

Com o maior gosto cederia ao amavel pedido da Illustração, mas, n'esta altura e muito especialmente na minha situação, é perigoso dizer qualquer coisa sobre o assunto.

Eduardo Brazão

Por solidariedade puz-me ao lado de Ilda Stichini e Eduardo Brazão, logo no começo do incidente, porque se ofendera o grande mestre do Teatro portuguez com a suspeição de ele ter alegado doença falsa, se ofendera tambem uma primeira actriz portugueza e os proprios medicos, duvidando dos atestados. Hoje, além da solidariedade, existe um motivo muito especial que, a não ser modificado, impediria tambem a minha entrada no Teatro Nacional.

José Ricardo

Nós somos os acusados. A questão está dependente, como sabe, d'um inquerito. Nada lhe posso dizer, por enquanto; depois, sim, e talvez que algumas coisas bastante engraçadas.

Ilda Stichini

E' tão bom viverem em paz!...

Maria Pia

Eu cá, estou por tudo...

Joaquim Costã

Como societario do Teatro Nacional considero-me militar e, como tal, cumpro os regulamentos.

Rafael Marques

Verrinices não aproveitam nem á Arte, nem aos artistas.

Laura Cruz

Que encanto seria o socegol!...

Laura Hirsch

Sempre fixe!

Luiz Pinto.



MARIA PIA



RAF. MARQUES



LAURA HIRCH



JOAQUIM COSTA



LAURA CRUZ



LUIZ PINTO



AUGUSTO PINA



ANTONIO CANDIDO

ANTONIO CANDIDO RIBEIRO DA COSTA. GRANDE ORADOR SAGRADO E PARLAMENTAR, LENTE DA UNIVERSIDADE, EX-PAR DO REINO, MINISTRO E PROCURADOR GERAL DA COROA, MORREU EM CONDEMIL, PERTO DE AMARANTE, NA CASA MODESTA DA SUA TERRA NATAL. MORREU UM DOS GRANDES DA ELOQUENCIA PORTUGUEZA. DESAPARECEU UM HOMEM PROBO QUE, PELO SEU PROCEDER E PELO SEU VALOR, OS PROPRIOS INIMIGOS RESPEITAVAM. NASCERA EM 1850, CONTANDO PORTANTO 72 ANOS. OS SEUS DISCURSOS FAMOSOS ANDAM IMPRESSOS E, DO ENCANTO DA SUA VOZ, FALA A TRADIÇÃO, QUE A EQUIPARA ÀS GRANDES VOZES CLASSICAS DO TEMPLO E DO PARLAMENTO. MODESTO SEMPRE, SEMPRE PATRIOTA, JAMAIS O SEU ESPIRITO DESCREU DOS DESTINOS DA PATRIA, QUE ELE ANTEPUNHA Á IDÉA RESTRICTA DA SUA CAUSA. HA POUCO AINDA FIZERAM-LHE UMA CONSAGRAÇÃO E PELA SUA CASA DESFILARAM OS HOMENS DE MAIOR REPRESENTAÇÃO E A MOCIDADE DAS ESCOLAS. FOI A APOTEOSE. AGORÀ A MORTE VEIU DOCEMENTE FECHAR-LHE OS OLHOS, ROUBANDO ASSIM AO NOSSO PATRIMONIO HUMANO UM ESPIRITO DE «ELITE», UM CARACTER DE BOM TIMBRE, UM CORAÇÃO DIAMANTINO, A VOZ DE UM ROUXINOL. QUE O GRANDE ORADOR DESCANCE EM PAZ, QUE O SEU NOME ETERNAMENTE FICA NA SAUDADE PORTUGUEZA.

"ESTRELAS" E "AZES" DO CINEMA

(INFORMAÇÕES, NOTAS E PERFIS)

IS uma má nova! Mary Pickford, a eleita rainha do «écran» mundial, está gravemente doente. Segundo os medicos, trata-se d'uma pneumonia, tendo a linda Mary grandes e consecutivos ataques de febre. A artista devia, por estes dias, acompanhar, a New-York, Douglas Fairbanks, para a representação do grande «film» d'este ultimo: «Roben Hood». Oxalá o facto se traduza apenas n'um simples adiamento da partida. Que possamos ter, dentro em breve, conhecimento de que Mary triunfou da doença e pode deixar Los Angeles, para assistir a mais um successo de Douglas, na sua nova produção.

—Eddie Polo, um dos actores cinematograficos mais queridos do nosso publico, acabou o seu contracto com a «Universal», onde trabalhou oito anos, e fundou uma companhia por sua conta, da qual tomou a gerencia. Pretende introduzir algumas



Bianca Valoris
«Estrela» do «Studio Film», de Barcelona

importantes inovações na distribuição dos «films», taes como cotizações de preços especiaes a cada exhibidor, segundo a importancia da região em que está contractado. Eddie Polo afirmou a um jornalista ter já escolhidos seis «films», em séries, que, segundo a sua opinião, vão ter o maior dos successos.

—Rio Jim, papá... não é o titulo d'um «film»... Winifred Westover ou, se os leitores o preferem, Mr. William Hart, acaba de ser pae d'um soberbo garoto, que nasceu em Los Angeles e, feliz conclusão, os dois esposos que se davam como o cão e o gato, são, segundo dizem, mais felizes depois do nascimento do pequerrucho.

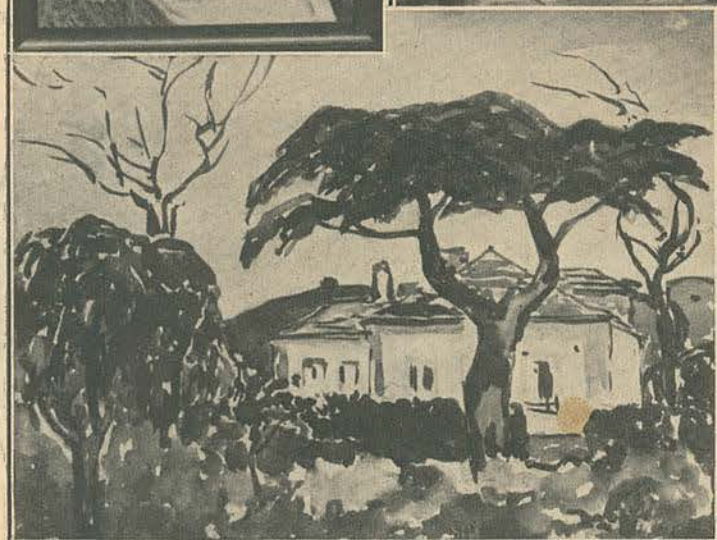
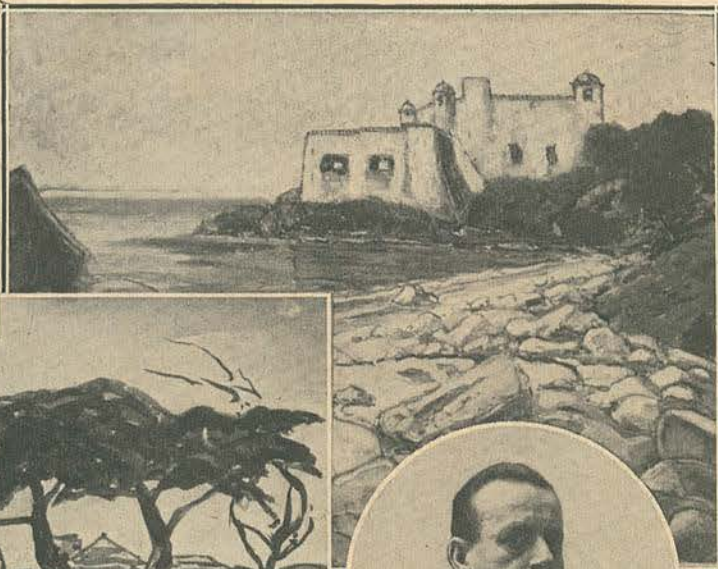
Harold Lloyd

O mais moderno e um dos mais afamados «azes» do cinema comico



Mary Pickford
A rainha mundial do «écran»

QUADROS E FLÔRES



O pintor alemão Albert Helberger e tres dos quadros expostos

Exposição de pintura, no Palacio da Sociedade Nacional das Belas Art's, Inaugurada no dia 27 do mez findo



Exposiçã o de crisantemos nas estufas do Jardim Botânico, da Faculdade de Ciências, Inaugurada no dia 25 de outubro

LONGEVIDADE E FECUNDIDADE



D. Rosa Alves Ferreira, mãe do sr. arcebispo de Braga, D. Manuel Vieira de Matos, que no dia 25 do mez lido completou 100 anos

D. Maria Benedicta Ferreira de Lemos, cunhada e prima de D. Rosa Alves Ferreira; conta 96 anos e ainda lê sem óculos

(Clichés Antonio Teixeira, da Regua)



Família lisboeta residente no Porto e composta por pae, mãe e 9 filhos. Não beneficiando de subvenções, nem tendo outra fonte de receita além do trabalho do chefe, avallar-se-ha as dificuldades de ordem economica com que luctará, este, apesar de ser um habil mecanico, para se manter e aos seus com decencia. (Cliché André Moura)

Página

CHEGOU o momento de se proceder a uma análise atenta da moda que neste momento se esboça e que, segundo se pretende fazer crêr, vigorará durante o proximo inverno.

Para quem segue de perto o curso evolutivo da moda, observando-lhe todas as manifestações, todas as tendencias para uma constante irrequietabilidade de fórma, surpreendendo-lhe, emfim, toda a volubilidade que a caracteriza, a afirmação de que a linha adoptada neste momento permanecerá inalteravel durante a estação que se acerca e mesmo nas subsequentes, não logra impôr-se em absoluto á convicção.

E' certo que mau grado as tentativas de remodelação da «silhouette» feminina, feitas por varios dentre os mais reputados creadores da moda, esses que em Paris — a cidade que o genio e a fantasia buscam para asilo, — ditam leis de elegancia a todo o mundo civilisado, a resistencia oposta pelas senhoras para quem a moda é um culto em que a arte e o bom gosto pontificam, opoz barreira inexpugnavel a toda a ideia tendente a banir do primeiro plano a linha «elancé». Em todas as surpreendentes coleções apresentadas neste começo de estação pelas primeiras modistas de Paris, figura uma ou outra «toilette» em

que se reconhece o proposito de fazer reviver as modas de tempos lendarios, de eras idas, e notoriamente as que nas legou a idade media.



—Pois, minha filha, se tens a certeza disso, compra já o voluminho *Gravidez e Maternidade*, da Enciclopedia do *Seculo*. Lá encontrarás tudo, desde os cuidados a ter com'igo propria, até aos moldes para o enxoval do bebé...

Os melhores productos de perfumaria são os da

FABRICA
Thomaz Mendonça, Filhos, L.^a

DEPOSITO E ESCRITORIO

Perfumaria Mendonça

43—Calçada do Combro—47

LISBOA

TELEPHONE CENTRAL 105

Elegante



fendidas, deixando escapar tufo do tecido na altura do cotovelo, descendo em «mitaines» aristocraticos sobre as mãos. «drapés» hieraticos, tunicas evocadoras dos tempos esplendurosos da antiga Grecia e da faustuosa Roma dos Cesares, tudo, emfim, quanto a fantasia dos «meneures» da moda pode rebuscar no passado para adaptar á elegancia preconizada no presente, nos é apresentado nessas coleções maravilhosas e estonteantes pela heterogeneidade e pelo ecletismo que as caracterizam.

Mas a mulher olha, examina, aprecia, sorri e escolhe sempre a fórmula mais singela, mais despretençiosa, aquela que a simplicidade e o bom gosto crearam sem se preocuparem com ideias de origem nem convencionalismos de fórmula.

E a linha «elancée» continua, triunfante, usufruindo todas as simpatias das mulheres verdadeiramente elegantes, essas que possuem o segredo da arte de vestir, a arte complexa que se resume, afinal, em saber tirar partido maximo de cousas minimas e de

Saias «ballonées», corpos couraça (sem a rigidez que a designação revela, bem entendido), algibeiras trabalhadas sob a inspiração do capricho, mangas largas, imensas, »flottantes»,

arrancar efeitos sensacionais de futilidades ignoradas.

Agarena de LEÃO

Henrique Xavier & C.^{ta}

Fazendas, modas,
confeções e sedas

Grande sortimento em bijuterias

253 — RUA AUREA — 255
94, RUA DE S.^{ta} JUSTA, 93-A, 94-B
LISBOA

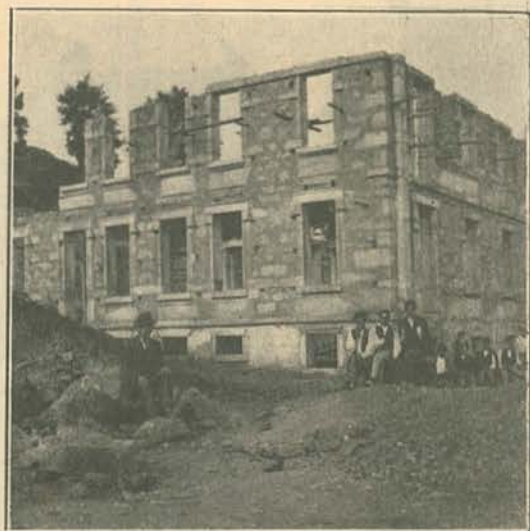


— Já viste o ultimo numero das Modas & Bordados?
— Que pergunta! Como se uma mulher verdadeiramente chic pudesse passar sem o lêr todas as semanas!...

Figuras & Factos



Professor Ivo Fernandes — Por ocasião da visita do sr. dr. Antonio José d' Almeida ao Centro Portuguez Dr. Alfonso Costa, do Rio de Janeiro, proferiu um eloquente discurso, de saudação ao Chefe de Estado Portuguez, empolgando a assemblea que o applaudiu com entusiasmo



Sanatório dos ferroviários em construção, em Mafelos.
Paredes de Coura



Na Quinta de Santa Eufemia, proximidades da Regua, realçou-se o casamento do sr. Manuel Vizeu de Carvalho, professor -oficial, com a sr.^a D. Ermelinda Ascensão da Silva, filha d. importante capitalista sr. Bernardo Rodrigues de Carvalho e da sr.^a D. Adelaide Ferreira de Carvalho

(Clichés Antonio Teixeira)



PANO ACIMA!

O RA aqui está um começo de época teatral de que só ha que dizer bem! Se não laboramos em erro, foi o Salão Foz que rompeu a marcha com uma peça filosofica de Nicodemi (1), a qual só não obteve o pleno agrado que mereceria por ser demasiado transcendente e, d'ali, inacessível á limitada mentalidade dum publico teimoso em gostar apenas de peças que se percebam...

Apareceram, depois — não garantimos a ordem de successão:

No Avenida, outra peça filosofica, de lavra nacional (2), que o publico ainda teria percebido menos, se o titanico esforço artistico de Chabi não a tornasse intellectualmente suportavel. E tão suportavel, mesmo, que as enchentes naquello teatro se succederam, se não por causa da peça, por causa do artista.

No Apolo, uma revista (3) ou coisa similar, cujo relativo exito literario deve-se exclusivamente ao... guardarroupa opulento e ao cenario mirabolante.

No São Luiz, uma opereta italiana (4), com todo o ar de austriaca, disfarçada, muito bem encenada pelo ensaiador e menos mal assodiada pelos artistas. Sobretudo a musica, disfarçadissima, mas, apesar d'isso, *je te connais beau masque...*

No Eden, um drama policial (5), com a originalidade de ser, ao mesmo tempo, um drama... alegre, comico — tão alegre, tão comico ou ainda mais que as farças antes apontadas. Nomeadamente, no quadro das corridas de Longschamps, desde a *mulidão* elegante que a ellas assiste, até aos cavalos que correm, é estupendo o effeito comico conseguido: senão pelo autor que escreveu a peça, por quem a montou...

No S. Carlos, ainda um drama (6), mas historico e do genero conhecido em calão teatral por «aria com coros», pois apenas um artista canta, intervindo os outros como simples acompanhamento. Sente-se, talvez, de mais ter sido escrito agora, conforme observaram alguns colegas criticos, como se fosse de exigrir ao autor, dentro da boa logica, que o tivesse escrito... no tempo de Vasco da Gama! Assim, desculpavel se torna que aos proprios heróes dos feitos celebrados mereçam, estes, tanta admiração e tanto elogio, não sendo esses heróes contemporaneos nossos... Porque se o fossem elogiavel até seria tal elogio em boca propria, o qual, em vez de vituperio, é, conforme a pratica moderna, ainda elogiavel preocupação de não deixar os creditos por mãos alheias...

Em todo o caso, das peças estreadas até agora é esta a que merece mais acolhedora hospitalidade. Já pelos intuitos que lhe determinaram a factura, francamente patrióticos, já pela inspiração que a bafeja quasi sempre, já pelo arrojo que subentende, sob o ponto de vista economico, a sua custosa montagem, já pela evidente boa vontade de acertar com que foi posta em cena e com que é representada.

Depois, trata-se de um original e de «uma peça», condições a que nem sempre correspondem as peças originaes que por ai apparecem e até as traduções sem originalidade nenhuma. Devendo ainda ter-se em linha de conta o trabalho herculeo, quer como artista, quer co-

mo empresario, de Alves da Cunha que de toda a força de vontade e casmurrices — permita-se-nos o plebeísmo — do proprio Vasco da Gama deve ter havido mister para levar a nau a porto e salvamento.

Entende-se que, a nau a que nos referimos é a peça no seu conjunto, de tão grandes responsabilidades de montagem e interpretação, e não a que aparece no 2.º acto, a qual, apesar dos reclames afirmarem ser «uma autentica nau a caminho da Índia», navega quasi tão mal como o Porto, a caminho do Brasil.

E, pelo que olha a novidades, temos dito. Perdão! Esquecia-nos a *Dama das Camélias*, no Politeama. E' tambem um drama, mas triste, em 4 actos, original do sr. Alexandre Dumas Filho e de entredocho muito interessante, que lamentamos não poder relatar por falta d'espaco, embora tenhamos a certeza de que constituiria verdadeira surpresa para os nossos leitores.

Tambem no Politeama, a companhia do actor Signoret realisou uma curta serie de espectaculos que deu ensejo a conhecerem-se algumas interessantes peças francezas, ainda desconhecidas entre nós, de mistura com outras, até portuguezas, não menos interessantes e quasi desconhecidas, tambem, por mais que as conhecemos... Da companhia em questão, que avulte, que se destaque, que se imponha, apenas uma figura: Signoret. Em cada peça, é o *personagem*, não o actor, sentindo-se, incessantemente, no seu trabalho, a preocupação, á larga *réussite*, de não se repetir, de ser sempre *outro*, não ser nunca Signoret.

Tal qual alguns artistas nossos, que não citamos para não os envaldecer...

E a verdade é que, entre tantos successos teatraes, seria o da companhia Signoret o que, talvez, todos sobreleva, se não fóra o ainda mais retumbante exito obtido pelo Teatro Nacional... antes de abrir as suas portas.

Com o titulo quillometrico de *La Verbena de la Paloma* ou *El boticario y las chulas* ou *Celos mal reprimidos*, existe uma zarzuela que todos conhecem, embora, por brevidade, apenas pela ultima parte do referido quillometrico titulo. Pois a zarzuela, ou como melhor preferiam chamar-lhe, representada no Nacional, antes de subir o pano, excede, em extensão, o proprio titulo completo da *Verbena*, servindo-lhe como uma luya a sua ultima parte, visto que em volta de *celos mal reprimidos* gira todo o entredocho dela.

Aliás, peça velha, esta, que tem sido, desde ha muito, a principal do repertorio da casa, com *repises* periodicas em todos os começos d'epoca. D'esta vez, porém, deu que falar além do costume e, acarretando, mais que de costume, complicações ao andamento normal dos trabalhos artisticos, atrazou cerca de quinze dias a inauguração dos espectaculos para o publico, tendo como desfecho (?) a saída do commandario, que foi para casa, e a do administrador, que deu baixa ao hospital.

Gracias a Deus que, para nem tudo correr mal, houve uma compensação. Tardou o teatro em abrir, mas arrecadou o publico que o frequenta. A época esteve para ser iniciada com uma destas peças novas: *D. Afonso VI*, *Peraltas e seccias* ou *Amor de perdición*. Vinguo a *Peraltas e seccias*, cujo entredocho tambem lastimamos não poder descrever por falta d'espaco, embora estejamos certos de que os leitores encontrariam nele quasi tanta novidade como no da *Dama das Camélias*.

(1)—*Sou... ou não sou?*

(2)—*Camá, mesa e roupa lavada.*

(3)—*Cigarro brasileiro.*

(4)—*Miss Issip.*

(5)—*O Crime do Cochicho.*

(6)—*Vasco da Gama.*



AQUI SE DIRÁ
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.

ESTRADA DE SANTIAGO, de Aquilino Ribeiro

ESTRADA DE SANTIAGO, o ultimo livro de Aquilino Ribeiro, colectanea de contos e novelas, é uma nova afirmação do talento do festejado e poderoso escritor. Quando da sua estrela com o *Jardim das Tormentas*, Carlos Malheiro Dias, cujo sentido de previsão está absolutamente confirmado, augurou a Aquilino Ribeiro o mais



Aquilino Ribeiro

belo d's postos nas fileiras dos nossos homens de letras, considerando-o digno da herança de Eça de Queiroz. O novelista, em obras posteriores (*A vida sinuosa*, *Terras do Demo*, *Filhas de Babilonia*), subiu, lesto e seguro, ao posto eminente. Em plena mocidade é já um dos mestres da prosa, e não a deparamos, nos seus contemporaneos, mais portu- guezia, mais forte, mais colorida, mais opulenta e mais sã. Aquilino Ribeiro, nacionalis- mo na linguagem, nos temas e nos tipos das suas novelas, é senhor de um vocabulario que ele acumulou não na leitura dos classicos, que aliás lhe são fami- liares, mas recolhendo-o, vivo e fremente, da boca tão original e pit resca d' povo. A psicologia da gente rustica, os seus costum- mes, as suas maldade, os seus

dramas, as suas virtudes tem em Aquilino Ribeiro o mais sagaz e profundo analista e o pintor de mais rica, variada e justa paleta. Ao mesmo tempo, a imaginação e a ironia correm parelhas em muitas das suas paginas, com equal desenvoltura e equal es lendor. Que auda- cioso e sarcástico humorismo o do derradeiro captulo, que para os apaixonados de *O deserto*, por exemplo, ha de parecer sacrilego! Como quer que seja, Aquilino Ribeiro prossegue o seu caminho triunfantemente e a acolhida que o publico reserva a cada volume novo que ele acrescenta á sua curta mas soberba bibliografia significa bem que o apurado gosto literario não feneceu e que a literatura de bom quilate não fica fazendo n's estantes dos editores,



Manuel Ribeiro

O DESERTO, romance de Manuel Ribeiro

Manuel Ribeiro obteve o triunfo e a consagração como homem de letras com dois livros que não são, todavia, os primeiros por ele trazidos a lume: *A catedral* e *O deserto*. Classificados de romances pelo autor, talvez sem uma rigorosa propriedade, nomeadamente pelo que toca ao segundo, ambos puzeram em foco as prendas de estilo, os dotes de observação e de estudo, as simpatias espirituais de quem os escreveu, e ambos fixaram, pela importância e pelo interesse inegáveis que os caracteriza, as atenções da critica e do publico dado a

MARIO COSTA.—Está claro que pode continuar. Tem arte, tem poesia—e para fazer poesias, o indispensavel e o necessario é isso: ter poesia...

ERNESTO SARDINHA.—Entrevimos uma das produções do seu livro. Dos livros fazem-se noticias criticas, na respectiva secção da «Ilustração Portuguesa», quando nos remetam dois exemplares.

L. S.—Vão só as iniciaes, para o não envergonharmos. O verso para ser alexandrino não basta que tenha doze silabas. Aprenda e depois apareça.

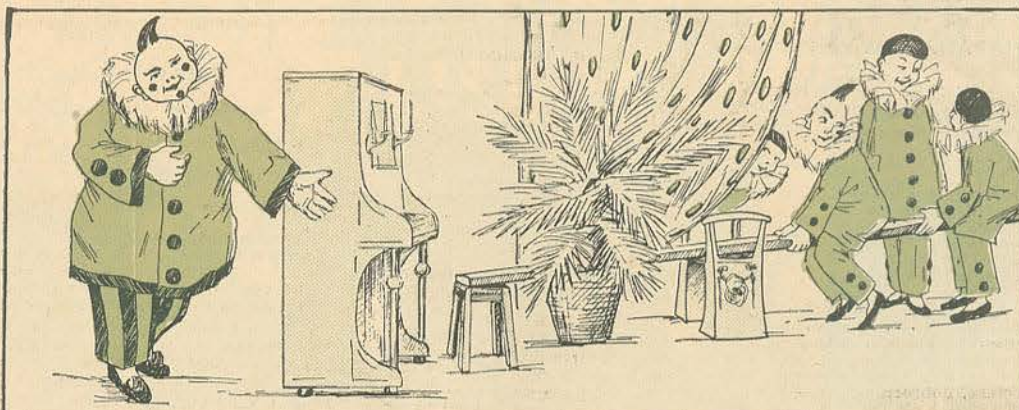
DE MILO.—A Venus? No entanto, o braço valido trabalha bem a redondilha. Publicaremos, porque a secção não é só para consagrados; é para toda a gente que tenha millo... poetico.

M. D.—As manchas produzidas pelo cigarro nas extremidades dos dedos, desaparecem facilmente lavando com acido cloridrico diluido ou cloridrato de amoniaco concentrado.

A. T.—Contra a irritação das palpebras causada pelas lagrimas—banhar os olhos em agua quente (não muito), na qual se faz dissolver 2 gramas de acido borico e um grama de sal-filato de soda, por litro.

coisas de arte e literatura. Ainda não ha muito, Manuel Ribeiro apenas era conhecido e festejado no restrito meio social dos ideologos da extrema esquerda, a cuja camaradagem, por ora, parece conservar-se fiel; hoje é uma figura literaria que as classes conservadoras, ou denominadas taes, admiram e cortejam. Como se entende que um anarquista ganhasse assim, de subito, a aura que Manuel Ribeiro neste momento desfruta? Os dois romances constituem a apologia, quasi directa, da vida religiosa nas suas manifestações esteticas e misticas; o catolicismo encontra neles franca defeza, com uma dignidade e uma elevação impressionantes, expressa nos actos e nas palavras d'aquelles que o escritor faz mover e falar, arrancando-os á meia-sombra das naves da velha basilica olisiponense ou ao recondito das celas do cenobio cartusiano de Miraflores. Eis o segredo de tamanho exito, bem explicavel num paiz onde as convulsões revolucionarias submetem a Igreja a dolorosos transeos. O drama de consciencia, que se desenrola, digamol-o, á margem, não encerra intensidade do que se contém, por exemplo, na obra de J. K. Huyssmans. A conversão do realista da escola de Médan vem-lhe decididamente em marcha no *En route*, inspirando-se, é certo, nos mesmos motivos; mas a do propagandista vermelho, que a arte levou até junto do altar, travestido de architecto, não a presumimos tão segura, mesmo quando ele ajoelha aos pés da Virgem ou, grato, oscula as mãos asceticas dos monges de S. Bruno. O problema psicologico, em que dir-se-hia mergulhado Manuel Ribeiro, solucionar-se-ha no sentido da adesão do escritor ao credo catolico-romano? Não podemos acumular, a tal respeito, muitas probabilidades se bem que haja quem, sem esforço, as enumere. *O Deserto*, como *A Catedral*, é uma afirmação de valor literario, de cultura e tambem de coragem. Mas as obras d'este genero não escasseiam lá fóra, correspondendo quasi sempre a crises quer pessoais quer colectivas. Ainda não ha muito, Antero de Figueiredo publicou a sua *Senhora do Amparo*, cuja segunda parte constitue um brado em favor do regresso ás puras fontes do espiritualismo cristão. Pois muito embora seja, como todos os labores que saem da sua pena, uma obra-prima, a sua retumbancia foi menor do que a dos livros de Manuel Ribeiro. Porquê? Não o ignorará, quem souber que Antero é conservador e catolico e o moço literato agora em tamanha evidencia continua a ser libertario e livre-pensador. A. de A.

PAGINA INFANTIL



ENQUANTO O GORDO PALHAÇO ANUNCIA AO PÚBLICO QUE VAE TOCAR UMA LINDA PEÇA

QUATRO PALHACITOS ESPERAM QUE ELE SE SENTE AO PIANO PARA LHE PREGAREM UMA PARTIDA.



MAS O GORDO PALHAÇO ERA UM ESPERTALHÃO PERCEBEU O QUE LHE QUERIAM FAZER E, FINGINDO QUE SE SENTAVA,



.. TIROU DE REPENTE O BANCO E OS SEUS 150 KILOS FIZERAM SALTAR OS QUATRO PALHACITOS.



ESFINGIA



(Ao preclaro charadista Jogosil)

Ao Jogosil meu amigo
O meu retrato mostrei — 3
E estando de bom humor — 2
Uma festinha ganhei.

INVISIVEL

*

CHARADAS EM VERSO⁴

(Musica celestial...—Reprise—aos leitores e futuros colaboradores charadísticos da Illustração Portuguesa)

Preclaríssimos leitores
Gentis colaboradores
Heróis da matutação,
Uma nova lhes vou dar:
Tambem vae charadistar
Esta magna Illustração.

Com mais ou menos engenho
Muito humildemente venho
Atender-vos; não sou novo
N'este sport tão divertido,
Sou antes, bem conhecido
P'lo clero, nobreza e povo — 1

Em nome da paciencia,
Eu peço a todos clemencia
E me queiram desculpar,
Qualquer falta que eu sem qu'rer
Possa vir a cometer;
Té um santo pode errar!... — 2

Ha um ponto a esclarecer,
E' que, não penso fazer
Publicar quaesquer charadas
Com palavras diabolicas,
E frases mui estrombolicas
Ou formas arresadas.

Nada mais; re ta-me apenas
Apelar p'ra as vossas penas
E vossas intelligencias;
Sou humilde servidor,
Creado ao vosso dispôr,
Sempre ás ordens de vossencias.

José Pedro do Carmo

*

(Aos charadistas que para dificultarem as suas produções, recorrem aos passaros da Africa, ás plantas do Brazil, aos deuses indianos, etc. etc.)

Eu não gosto das charadas
Que metam vilas da Escocia,
Plantas, rios do Brazil
E serras da «Capadócia»

Para a gente as decifrar
Precisa cem dictionarios,
Nadar em milhões de livros,
Consultar mil mapas varios.

Os nervos ficam em pé,
O casco em ebolção,
E os musculos distendidos
Como linho ou algodão — 3

Enfim, curiosidade,
Taes produções não me of rece — 1
Olho e nem sequer as vejo
Nunca lhe achel interesse.

E ao vêr assim um enigma
De forma tão complicada,
Nem acho que e passatempo
Passa a sêr... uma maçada.

EL INCOGNITO

(a Josolicos)

Nas estradas, pelos montes.—1
Em paragens escabrosas.—1
Encontrel tetricas fontes,
E florinhas odorosas.

Em aldeias pitorescas.—1
A' noite, nessas paragens.—1
Vi figuras principescas,
Na senda das tatuagens.—1

Concelto: Se esta matar,
Não queira nunca apanhar.

Mundo Ferino

LOGOGRIFO

(Dos Lusitadas)

Vê que já teve o lndo sejugado—13—14
—M—5—16—11
E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,—
17—10—10—3—6—4—2.
Por vencedor da India ser cantado—1—
16—9—13—4—3—16—11.
De quantos bebem a agua do Parnaso;
1—7—15—V—11.
Teme agora, que seja sepultado
Seu tão celebre nome em negro vaso —
9—10—12—15—16—8.
Da agua, do esquecimento, se lá chegam
Os fortes portuguezes, que navegam.

2

ENIGMA PITORESCO



EL INCOGNITO

CHARADA EM FRASE

Quasi toda a gente tem dois, um e nada—1—2.

Zig-Zag

QUADRO DE HONRA

Espaço destinado
aos nomes dos decifra-
dores
que enviem as soluções
exactas
de todas as produções
publicadas
neste numero

Indicações uteis

No proximo sabado, sairão publica-
das na Illustração Portuguesa as decifra-
ções das produções publicadas neste
numero.

—Toda a correspondencia relativa a
esta secção deve ser enviada ao Seculo
e endereçada a José Pedro do Carmo.
—Ao diretor d'esta secção assiste o
direito de não publicar produções que
julgue imperfeitas.

—Só é conferido o quadro de Honra
a quem envie todas as decifrações exa-
ctas, entregues até dois dias após a sal-
da d'este numero, ás 16 horas, na su-
cursal do Rocio.

—Todas as produções devem vir es-
critas em separado, e os enigmas pito-
rescos desenhados em papel liso e tinta
da China.

